

ANÁLISE FONÉTICO-ACÚSTICA DOS PROCESSOS DE REESTRUTURAÇÃO SILÁBICA (C)VC POR FALANTES BRASILEIROS DE INGLÊS

Michael Douglas Silva Dias (UESB)
maicondsilva@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Sabe-se que todos os animais possuem a capacidade de se comunicar e que a cada espécie concerne um recurso que lhe é mais favorável para esta finalidade. Entretanto, a espécie humana se destaca entre todas as outras, uma vez que é a única capaz de simbolizar. Essa incrível habilidade presente em todos os seres humanos é chamada de *linguagem*.

A linguagem como um fenômeno natural sempre chamou a atenção do homem, e muitos foram os experimentos que buscaram desvendar as origens das línguas naturais. Durante muito tempo, vários teóricos investigaram e buscaram estipular propostas que explicassem como se dava a forma de aquisição de uma língua. Dentre essas propostas, aquela que mais se destacou está relacionada com os pressupostos de Chomsky (2005), segundo o qual a Faculdade da Linguagem possui leis universais e particulares que regem todas as línguas naturais.

Portanto, cumpre observar que, em relação ao aparelho fonador, todos nascem predispostos a pronunciar todo e qualquer som ou estrutura que se faça presente numa determinada língua. No entanto, a aquisição fonológica ocorre de forma gradual, do não marcado para o marcado, o que significa que se adquire primeiramente o que é mais simples para, em seguida, adquirir aquilo que é mais complexo. Dessa forma, esse processo se dá conforme o indivíduo domina os segmentos e as estruturas silábicas que constituem o sistema ao qual está exposto.

O que este trabalho procura avaliar é quais são as estratégias utilizadas por falantes nativos de português que estão aprendendo inglês como segunda língua, quando eles precisam pronunciar estruturas silábicas que não fazem parte do sistema fonológico de sua língua materna, a saber consoantes oclusivas e fricativas em posição de *coda*. Este trabalho mostra, pois, de que forma essas estratégias das quais os indivíduos lançam mão podem ajudar a avaliar o grau de evolução dos aprendizes de língua estrangeira.

Tais objetivos advêm da hipótese de que há nesse processo uma influência da língua materna, pois existe transferência de estruturas da L1 para a língua estrangeira, já que o aprendiz não reconhece essas estruturas na língua alvo. Nesse sentido, parece não haver dúvidas da necessidade da instrução explícita quando do ensino de uma língua estrangeira no que se refere a estruturas silábicas, o que só pode ser feito por um profissional que tenha pleno conhecimento acerca dessas questões:

“(...) o professor de língua estrangeira pode resolver os problemas de interferência, desenvolvendo estratégias que auxiliem o estudante a superar a tendência de transpor o sistema fônico de sua língua materna para língua estrangeira. Se o professor desconhece os sistemas fonológicos da língua estrangeira e daquela do estudante, então o ensino desse professor será pouco proveitoso.” (MORI, 2003, p. 151)

OBJETIVOS

Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é verificar quais são as estratégias utilizadas por falantes brasileiros aprendizes de Língua Inglesa quando da necessidade de pronunciar palavras que apresentam padrões silábicos distintos daqueles que ocorrem em sua língua materna, visto que a estrutura silábica do inglês é bastante diferente da estrutura silábica do português.

Objetivos específicos

- a) verificar em que contextos ocorrem os processos de síncope e epêntese quando da presença de consoantes oclusivas e fricativas em posição de trava silábica;
- b) avaliar de que maneira a análise acústica desses dados pode ajudar o professor a acompanhar o processo de evolução do aprendiz de inglês como língua estrangeira, com base na ocorrência desses recursos.

PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Pressupostos gerais acerca do aprendizado de língua estrangeira

Quando da aprendizagem de uma língua estrangeira, os falantes tendem a transferir elementos inerentes à sua língua materna para a língua estrangeira, num processo denominado transferência linguística. De acordo com esse processo, quando do aprendizado de uma língua estrangeira, é possível prever quais serão as dificuldades que os aprendizes terão no que concerne, por exemplo, à pronúncia de determinadas palavras, e essa dificuldade de produção de formas-alvo advém do fato de inexistência desses sons na língua materna do aprendiz. Além disso, pode haver dificuldade também quando dois sons, que na língua materna exercem a mesma função distintiva, passam a ser contrastivos na língua estrangeira.

No inglês, existem, por exemplo, sons fricativos interdentais (/θ/ e /ð/) que não fazem parte do quadro fonológico do português, o que faz com que os aprendizes brasileiros de inglês tenham dificuldade em pronunciar tais sons, muitas vezes substituindo-os pelo som mais próximo deles no aparelho fonador.

Dessa forma, uma vez que o aparelho fonador não está totalmente apto a formar determinados sons, é absolutamente previsível que o aprendiz de língua estrangeira substitua determinados sons por formas mais próximas quanto ao ponto e modo de articulação. Nesse sentido, o princípio de transferência linguística se refere exatamente a um reflexo inconsciente que o aprendiz tem de sua L1 quando do aprendizado de novas formas.

Esse reflexo se dá em todos os aspectos da língua e, nesse ponto, a sílaba exerce um papel fundamental para a organização do sistema gramatical desse complexo sistema. Sendo assim, há também nesse campo uma transferência de valores de L1 para a língua estrangeira, como o que ocorre em relação aos processos de epêntese e síncope, especificamente inserção de vogal medial e eliminação de segmento em posição de trava silábica, processos muito comuns nas línguas naturais e que serão explorados neste trabalho.

Pressupostos gerais acerca da sílaba

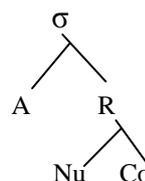
Com o desenvolvimento da fonologia não-linear, a sílaba, que até então era pouco investigada, passou a ter um papel fundamental nos estudos fonológicos. Dado que os segmentos combinam-se entre si para formar unidades maiores, percebeu-se que a sílaba, como primeiro nível de organização, é o ponto central das organizações fonológicas, pois constitui a unidade básica que informa como está organizado o sistema fonológico de uma língua: “O primeiro nível de organização que rege os fonemas está relacionado com as condições definidas pela sílaba.” (MORI, 2003, p. 157)

Segundo Cagliari (2007), partindo de uma perspectiva fonética, a sílaba é formada a partir de condições aerodinâmicas da corrente de ar vinda dos pulmões, a qual é responsável pela modulação acústica dos sons da fala. Segundo o autor, pode-se reconhecer três componentes distintos nesse movimento: “um de intensificação da força, outro de limite máximo de força atingido e finalmente uma redução progressiva da força.” (CAGLIARI, 2007, p. 110)

Ao tentar esquematizar a estrutura silábica a partir da relação entre o postulado por Cagliari e a teoria métrica da sílaba, percebe-se que os componentes da estrutura silábica podem assim ser definidos: um elemento sonoro corresponde ao limite do esforço muscular, ocupando o núcleo da sílaba, ao passo que segmentos consonantais ocupam as partes periféricas da sílaba. Nesse ponto, é importante ressaltar que as partes periféricas são opcionais, podendo ocorrer uma ou outra, ou até mesmo nenhuma delas.

Apenas após a introdução de trabalhos voltados às teorias autosegmentais que as investigações gerativistas na área de Fonologia passaram a dar maior atenção ao componente sílaba, especialmente após as teorias desenvolvidas por Goldsmith. Segundo Collischonn (2001), existem basicamente duas teorias acerca da estrutura interna da sílaba: uma que considera a sílaba partindo de uma notação autosegmental, que pressupõe camadas independentes às quais os segmentos se ligam, e outra que defende o pressuposto de que as sílabas consistem em ataque (A) e em rima (R), a chamada teoria métrica da sílaba:

[1]



Como pode ser observado na imagem acima, a teoria métrica estabelece que toda sílaba é formada por um ataque e por uma rima. A rima divide-se em núcleo, que é o único elemento indispensável, e *coda*.

As línguas variam de acordo com suas estruturas silábicas. Entre as línguas naturais, a estrutura silábica mais comum é CV; ou seja, uma consoante ocupa a posição de ataque e uma vogal ocupa o núcleo da sílaba. As consoantes, como pode ser visto no esquema acima, geralmente ocupam as posições de ataque e *coda*. No entanto, em algumas línguas, na falta de um elemento vocálico, algumas consoantes mais contínuas podem ocupar essa posição que é preferencialmente das vogais, o que ocorre, por exemplo, em algumas palavras inglesas, como “*noodle*” /nʊ.dl/.

No que concerne à estruturação das sílabas, elas podem ser classificadas em simples ou complexas, livres ou abertas:

A sílaba simples está constituída apenas pelo núcleo, representado por um fonema vocálico. A sílaba complexa é aquela cujo núcleo está precedido e/ou seguido por consoante(s). Sílaba aberta é aquela que sempre termina em vogal, já a sílaba fechada é quando termina em consoante(s). (MORI, 2003, p. 175)

As línguas naturais apresentam em seus sistemas todas essas estruturas. No entanto, elas diferem quanto ao número de segmentos permitidos em cada constituinte silábico, o que é definido pelo molde silábico. Existem línguas que permitem apenas um segmento no ataque e outro na rima. Outras permitem um segmento no ataque e dois na rima. Por outro lado, existem línguas que permitem dois segmentos no ataque, um no núcleo e até três segmentos na coda, o que ocorre no português em “mons.tro” e em inglês, “grinds”.

A sílaba em português brasileiro

Segundo Camara Jr. (2002), a sílaba é a estrutura fonêmica elementar, cujos padrões marcam caracteristicamente as línguas. Ele analisa a sílaba como em elemento funcional que apresenta um momento de ascensão, um momento de plenitude e um de declive. Ao ápice corresponde uma vogal, que corresponde um segmento silábico. Por outro lado, os segmentos do aclave e do declive são considerados assilábicos e podem estar ausentes: “A estrutura da sílaba depende desse centro, ou ápice, e do possível aparecimento da fase crescente, ou da fase decrescente, ou de uma e outra em volta dele, ou seja, nas suas margens ou encostas.” (CAMARA JR, 2002, p.53)

Para Mattoso, a sílaba em língua portuguesa apresenta três estruturas fundamentais: sílaba simples V (como em *é*); sílaba complexa aberta CV (como em *lá*); e sílaba complexa fechada VC ou CVC (como em *ar* e *mar*). Segundo o autor, no aclave simples, todas as consoantes podem ocorrer. No entanto, quando em posição de início de palavra, as consoantes /ʎ/, /ɲ/ e /r/ não são realizadas¹. No PB, pode haver também duas consoantes em posição de ataque. Nesse caso, a segunda consoante será sempre um /r/, /l/ ou uma semivogal.

Para a posição de *coda*, referida por Mattoso como declive, as sílabas fechadas são menos frequentes no PB, e há uma limitação em torno das consoantes que podem ocupar essa posição. As consoantes que podem figurar na *coda*, segundo o autor, são os arquifonemas /S/, /N/ e /R/, além das semivogais.

Collischonn (2001) relaciona todos os padrões silábicos possíveis em português, conforme [2]:

[2]	V	saúde
	VC	asno
	VCC	instante
	CV	palhaço
	CVC	bar
	CVCC	construção
	CCV	primo
	CCVC	prescrito

¹ As exceções estão para raras palavras que vieram para o PB por empréstimo, como lhama e nhoque.

CCVCC	<u>transporte</u>
VV	<u>aula</u>
CVV	<u>sei</u>
CCVV	<u>braile</u>
CVVC	<u>fausto</u>
CCVVC	<u>claustro</u>

Adaptado de COLLISCHONN (2001:107)

Para a posição de *coda*, em PB, admite-se a ocorrência de até dois segmentos nessa posição. Para o primeiro elemento, é permitida a ocorrência apenas de semivogais, líquidas e nasais. Para o segundo elemento, há a ocorrência de apenas sibilantes, como em *trens*, *paus* e *claustro*.

Bisol (1999) também considera a representação da sílaba através de estruturas internas. Seu principal argumento se baseia no conceito de rimas simples e rimas complexas. Segundo ela, essa ramificação da rima representa um ponto central para a descrição do acento em PB. Partindo da idéia de que princípios universais atuam sobre sílaba, a autora propõe a existência de apenas dois princípios de boa formação para a estruturação silábica no PB: Condição do Ataque e Condição da *Coda*.

Esta segunda condição assemelha-se bastante à proposta de Collischunn (2001) que atesta para essa posição apenas a ocorrência de semivogais, líquidas e nasais, além da fricativa /s/.

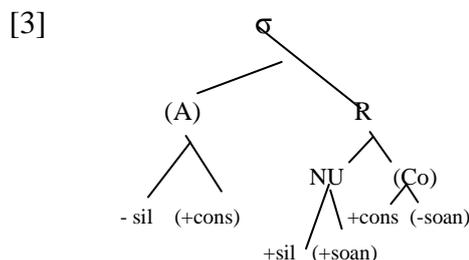
A primeira condição determina que, na primeira posição do ataque complexo, a consoante pode ser [-contínua] /p, b, t, d, k, g/ ou [+contínua, labial] /f,v/, ao passo que, na segunda posição, a consoante deve ser [+soante, -nasal] /r, l/.

Partindo desse pressuposto, no PB, quando da seqüência de segmentos de sonoridade semelhante (**pneu**) ou idêntica (**magma**), haverá uma rejeição desses padrões, por conta de um princípio universal. Segundo Clements (1990), o Princípio de Sonoridade Sequencial determina que entre os elementos que constituem uma sílaba e o seu pico deve haver uma sonoridade crescente. Dessa forma, a epêntese atestada para *p[i]neu* e *mag[i]ma* surge como um processo de reparo à malformação da sílaba em PB.

A sílaba em inglês

O inglês apresenta uma estrutura silábica diferenciada em vários aspectos se comparada à estrutura silábica do PB. Uma questão marcante na sílaba em inglês diz respeito às complexas formações nos *onsets* e nas *codas*, as quais não ocorrem em português: “Languages differ considerably in the syllable structures that they permit. As we have noted, English has complex onsets and codas.” (LADEFODGED, 1993, p. 249). Segundo Kenstowicz (1994), uma sílaba em inglês pode admitir até seis segmentos, devido a clusters consonantais complexos que podem aparecer nas posições de ataque e de trava silábico.

O trabalho de Collischonn (2001) apresenta a sílaba segundo molde silábico do inglês numa estrutura arbórea que contempla os padrões silábicos possíveis [cf. 3], além das restrições em relação às consoantes que podem ocupar cada posição.



No intuito de mostrar como as línguas se diferenciam no que concerne às estruturas silábicas, Kenstowicz (1994) discorre acerca das possibilidades de ocorrências das consoantes nas diferentes posições silábicas, partindo de uma perspectiva essencialmente fonológica de organização da sílaba: “Phonotactic constraint refers to limitations on the distribution of the sounds and sound sequences at various points (initial, medial, final) in the phonological Word or phrase. Typically, these limitations are not the result of a phonological rule changing one sound into another.” (KENSTOWICZ, 1994, p. 250).

Com base nos estudos de Kenstowicz (1994), com exceção das consoantes [ʒ] e [ŋ], todas as outras consoantes podem ocupar a posição de ataque simples no inglês. Quando o ataque for ramificado, o primeiro segmento é sempre [-silábico] (tanto oclusiva quanto fricativa), ao passo que o segundo é sempre um elemento sonorante e não-obstruente, como ocorre nas palavras “clap”, “throat”.

Em relação aos ataques formados por três segmentos, destaca-se o fato de a única ocorrência em inglês corresponder à formação “str”, em palavras como “street” e “stress”. No entanto, alguns autores consideram que a sibilantes [s] forma com a oclusiva seguinte uma única consoante, o que justifica a presença de apenas elementos da representação arbórea em [3].

O núcleo da sílaba em inglês pode ser preenchido por um segmento (vogal) ou dois (ditongo). Além disso, é importante observar que consoantes soantes podem ocupar a posição de núcleo silábico quando da ausência de vogais ou ditongos. Isso ocorre com as consoantes [r], [l] e /N/.

Quanto à posição de coda, existem algumas restrições em relação às consoantes que podem ocupar as duas posições possíveis. Quando a trava silábica é constituída por apenas um elemento, este pode ser uma líquida (*ball*, *bar*), uma nasal (*mom*, *queen*) ou uma obstruente (*stop*, *tough*). Por outro lado, quando a coda é constituída por dois elementos, o primeiro nunca é uma obstruente. Estas consoantes, não obstante, são predominantes na segunda posição, como (*cast*, *land*).

Dessa forma, percebe-se que em inglês há a ocorrência de consoantes obstruente em posição de coda, realidade bastante distante da estrutura silábica licenciada para o PB. Sendo assim, pressupõe-se que o indivíduo falante de língua portuguesa lança mão do mesmo artifício para reestruturar sílabas que apresentam obstruente em posição de coda (rit[i]mo, nap[i]kin) quando do aprendizado de inglês como língua estrangeira, hipótese que será avaliada neste trabalho.

MATERIAL E MÉTODO

Corpus

A metodologia utilizada na pesquisa consistiu, primeiramente, na seleção de um corpus de 10 palavras em inglês que apresentam estruturas silábicas do tipo CVC. Dessa forma o corpus foi formado pelas seguintes palavras, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 – Palavras em Inglês com estrutura (C)VC

	Palavras do Inglês
01	auction
02	chipmunk
03	ethnic
04	fifty
05	napkin
06	option
07	outdated
08	portfolio
09	rugby
10	sadness

Gravação do corpus

Após a seleção do corpus, foram selecionados três falantes nativos de português e aprendizes de inglês como língua estrangeira, todos homens, boa dicção e idades entre 14 e 25 anos.

As palavras do corpus foram inseridas em frases-veículo (I say “X” everyday), transcritas individualmente em cartões brancos e apresentadas aos informantes de forma aleatória, com um intervalo de tempo indeterminado entre uma frase e outra. Os informantes foram orientados a ler cada uma das frases em voz alta da forma mais natural possível. As gravações ocorreram numa câmara acusticamente fechada, através de um programa de computador de alta qualidade, com o intuito de preservar o sinal acústico de boa qualidade. Cada frase foi gravada três vezes aleatoriamente, para se minimizarem erros de medida, em taxa de elocução normal, para que, posteriormente, fosse feita a análise dos segmentos relacionados ao propósito dessa pesquisa. Os sujeitos dessas gravações não foram informados acerca do propósito da leitura dessas fichas.

Método de análise

Depois disso, as palavras que constituem o corpus dessa pesquisa e que estão inseridas nas frases-veículo foram analisadas por meio de software Praat, desenvolvido por Boersma e Weenink (2002), que possibilita a separação da palavra da frase e a mensuração dos parâmetros acústicos. Esse programa converte os sinais acústicos em

ondas e espectrogramas. Para analisar a separação dos segmentos em consoantes e vogais, considera-se o mecanismo de manipulação do segmento dado pelo Praat, no qual podem-se observar as características de sons produzidos com/sem vibração das pregas vocais, constrição entre os articuladores ativos passivos, além da configuração formântica para as vogais. Dessa forma, percebe-se que a análise dos dados transcorre de maneira bastante cuidadosa, uma vez, devido ao caráter contínuo da fala, todos os segmentos apresentam um nível de articulação muito próximo entre eles, o que exige meticulosidade para que nada possa comprometer o resultado da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Shane (1975), a maioria dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas naturais pode ser explicada como fenômenos decorrentes de fatores articulatórios ou de percepção: “Durante a formação de um som, os órgãos articulatórios podem estar antecipando a articulação de outro som e, conseqüentemente, o primeiro som será modificado na direção do segundo, ou a articulação do primeiro será estendida à do segundo.” (SCHANE, 1975, p. 89). Isso se explica devido ao caráter contínuo da fala, pois, quando falamos, não pronunciamos cada fonema separadamente. Ou seja, quando da produção dos sons, os fonemas não são individualmente articulados, mas são, na verdade, co-articulados.

Quando do aprendizado de uma língua estrangeira, o indivíduo, que precisa produzir determinados sons e estruturas que não ocorrem em sua língua materna, tende a buscar formas alternativas para realizar essa tarefa, o que pode ser explicado, por exemplo, através de processos de epêntese ou síncope. O primeiro processo ocorre quando da inserção de algum segmento entre outros elementos, de forma a reestruturar a sílaba, conforme padrão da língua. O segundo decorre da eliminação de determinado segmento.

A produção de palavras em inglês por aprendizes brasileiros

Com base nos dados analisados, ao se depararem com consoantes oclusivas ou fricativas em posição de trava silábica, percebeu-se que a estratégia mais comum utilizada pelos brasileiros aprendizes de inglês, principalmente os iniciantes, é inserir um [i], de forma a reestruturar a posição comum que essas consoantes ocupam em PB, ou seja, a posição de ataque. Essa estratégia pôde ser observada nas seguintes palavras, conforme tabela abaixo:

Quadro 2 – Palavras pronunciadas por brasileiros aprendizes de inglês

<i>PALAVRA</i>	<i>PRONÚNCIA</i>
ethnic	[‘ɛfnik] / [‘ɛtnik]
fifty	[‘fifiti]
napkin	[‘nɛpɪkin]
rugby	[‘rʌgɪbi]
sadness	[‘sɛdʒɪnɛs]

O processo de epêntese, como visto no quadro acima, é bastante comum na pronúncia de brasileiros aprendizes de inglês. Assim como ocorre em português, em palavras como *psicologia* e *ritmo*, os brasileiros tendem a transferir o mesmo padrão de sua língua materna para a língua inglesa, fazendo a inserção de uma vogal anterior alta bem breve, como pode ser observado nos espectrogramas a seguir:

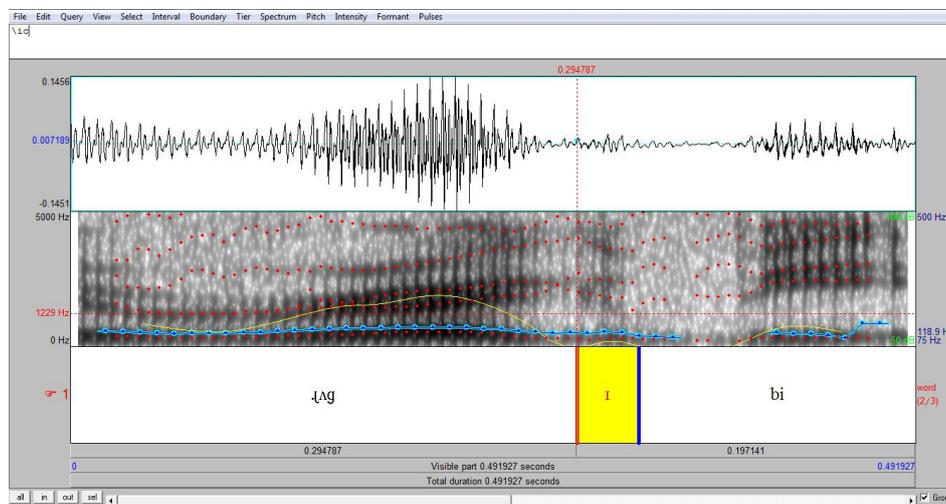


Figura 1 – Espectrograma da palavra [ˈʌgibi] realizada por um aprendiz para a palavra [ˈʌgbi].

Percebe-se na figura 1 que o indivíduo, que é iniciante em inglês, lança mão do processo de epêntese, pois uma consoante oclusiva velar não ocupa essa posição em PB. Sendo assim, a inserção do [ɪ] é válida para a reestruturação da sílaba. Da mesma forma, na imagem (2) abaixo, verifica-se que a inserção do [ɪ] não acontece apenas na posição de *coda* medial, mas também final.

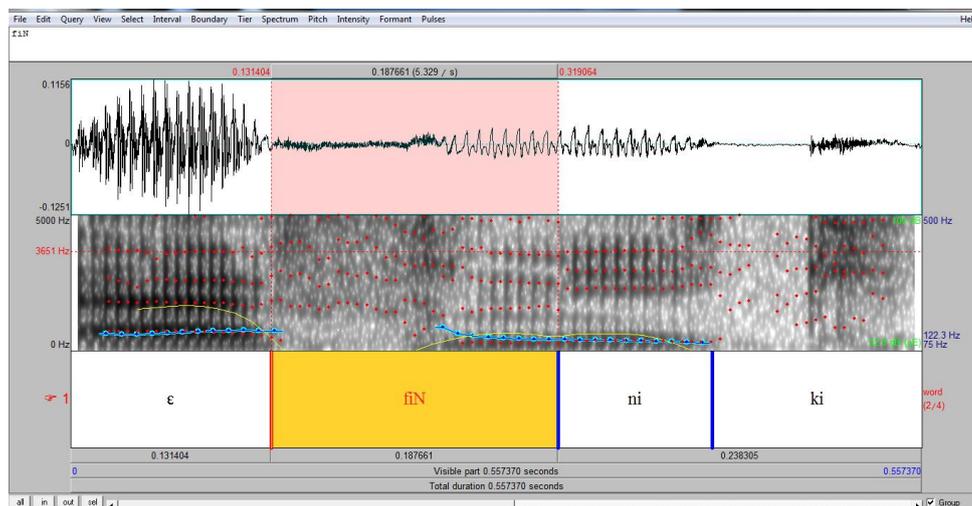


Figura 2 – Espectrograma da palavra [ˈɛfinik] realizada por um aprendiz para a palavra [ˈɛθnik].

É muito interessante observar como o processo de palatalização também se faz presente quando da pronúncia de consoantes oclusivas alveolares em posição de *coda* em língua inglesa. Sabe-se que, em vários dialetos do PB, as consoantes /t/ e /d/ tendem a ser pronunciadas como [tʃ] e [dʒ] quando seguem a vogal [i]. O mesmo ocorreu em

algumas pronúncias de palavras como *outdated* e *sadness*, o que ratifica a inserção do [ɪ], conforme espectrograma abaixo:

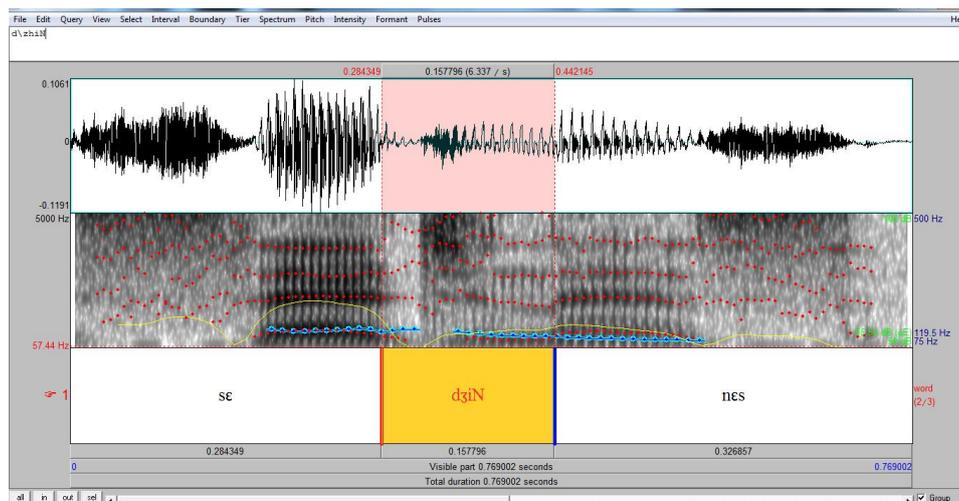


Figura 3 – Espectrograma da palavra ['sædʒɪnɛs] realizada por um aprendiz para a palavra ['sædnɛs].

Palavras que apresentam segmentos (da posição de *coda* e da posição de ataque da sílaba seguinte) com características similares também chamam a atenção nesta pesquisa, o que pode ser observado em relação às palavras *outdated* e *chipmunk*.

Como as consoantes oclusivas são licenciadas na posição de coda em inglês, falantes nativos pronunciam a palavra *outdated* da forma prevista, [awt.dejt.Id], como pode ser observado no espectrograma a seguir:

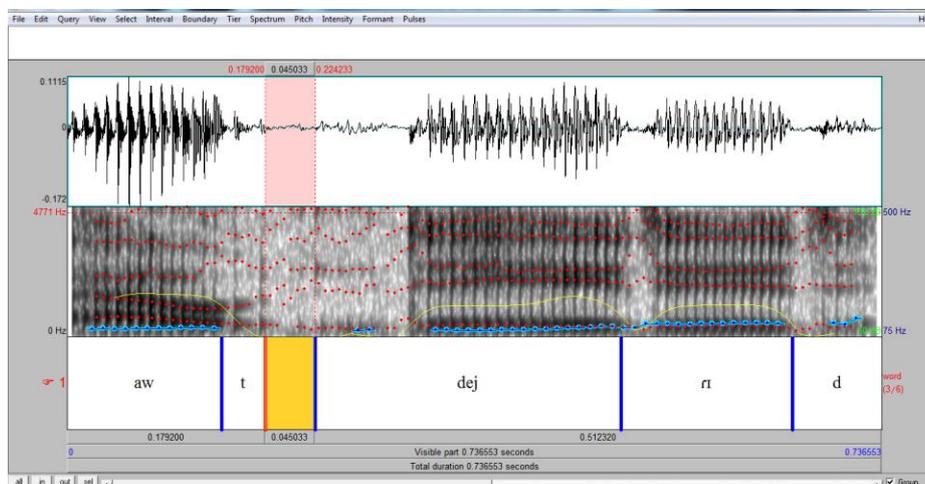


Figura 4 – Espectrograma da palavra ['awtdejtId] realizada por um americano para a palavra ['awtdejtId].

O espaço marcado de amarelo no espectrograma acima mostra que existe uma pausa entre os segmentos /t/ e /d/, o que se relaciona com o princípio do contorno obrigatório. Isso pode ser explicado por conta do grande esforço que é produzir, seguidamente, duas consoantes oclusivas que só se diferenciam por conta do vozeamento. Nesse caso a pausa desempenha um papel relevante em relação ao caráter dinâmico e contínuo da língua.

Por outro lado, no que concerne aos aprendizes iniciantes de inglês, a estratégia mais comum para resolver a “malformação” da sílaba é inserção do [ɪ]. No entanto, foi

observado que eles também lançam mão da eliminação da consoante da posição de *coda* de forma a adequar a sílaba ao padrão de sua língua materna: “*oudated*” ou “*chimunk*”. Abaixo segue o espectrograma da pronúncia da palavra *outdated* feita por um brasileiro:

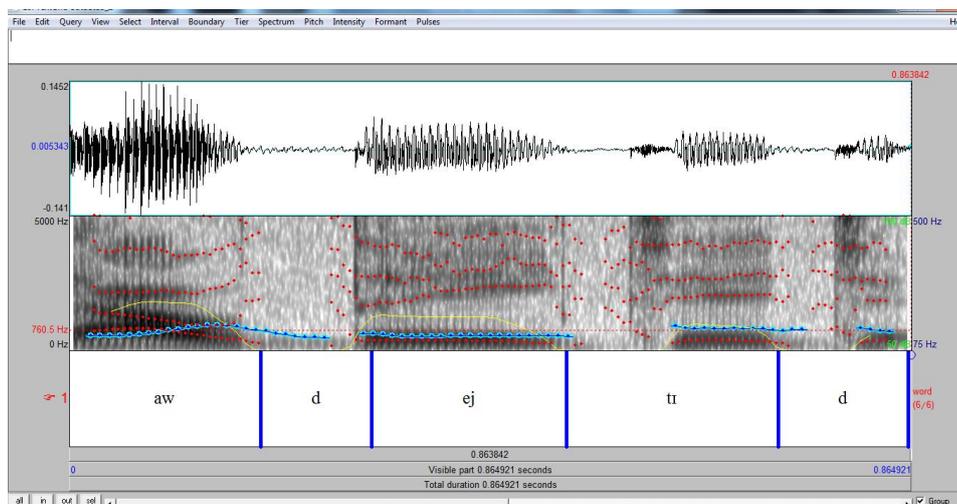


Figura 5 – Espectrograma da palavra [‘awdejtId] realizada por um aprendiz para a palavra [‘awtdejtId].

Partindo do pressuposto de que o aprendizado de uma língua estrangeira parte da instrução de regras relacionadas à língua, as análises feitas mostraram também que os indivíduos cujo nível em inglês é mais avançado não cometem com frequência esses erros de pronúncia na língua estrangeira. Isso se deve por conta da maior orientação por parte dos professores e da maior observação acerca da estrutura da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível concluir, diante das análises aqui feitas, que os indivíduos aprendizes de inglês como língua estrangeira utilizam-se de recursos voltados para sua língua materna quando precisam produzir estruturas silábicas distintas daquelas licenciadas em seu sistema fonológico. Esses aprendizes de inglês utilizam os processos de epêntese e síncope para reestruturar as sílabas que apresentam consoantes obstruintes em posição de trava silábica, e essa relação é corroborada pela ocorrência do processo de palatalização, isto é, de africção das consoantes oclusivas que ocorrem na *coda*. Evidencia-se, então, que os aprendizes só reconhecem e se adaptam à nova estrutura silábica da língua estrangeira após um período de intervenção do professor, que deve orientá-lo quanto ao padrão adequado de pronúncia, e este trabalho se mostra como uma ferramenta fundamental para o acompanhamento do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

REFERÊNCIAS

- BISOL, L. *A sílaba e seus constituintes*. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do português falado*. v. VII. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 701-742.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat software*. Versão 4.0. The Netherlands, Amsterdam: 2002.
- CAGLIARI, L. C. *A sílaba*. In: _____. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Paulistana: São Paulo, 2007. p. 109-123
- CAMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 35ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- CHOMSKY, Noam. (1928) *Novos Horizontes no estudo da linguagem e da mente*. Tradução: Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: Editora UNESP. 2005.
- CLEMENTS, G. N. *The role of sonority in core syllabification*. In: KINGSTON, J.; BECKMAN, M. (orgs) *Papers in laboratory phonology 1: between the Grammar and physics of speech*. New York: CUP, 1990. p. 283-333.
- COLLISCHONN, G. *A sílaba em português*. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de Fonologia do português brasileiro*. 3ª ed. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2001. p. 91-119.
- KENSTOWICZ, M. *Phonology in Generative Grammar*. Malden, 1994: Blackwell Publishing.
- LADEFOGED, P. *A course in Phonetics*. Third Edition. New York, 1993: Harcourt Brace College Publishers.
- MORI, A. C. *Fonologia*. In: MUSSALIM F., BENTES A. C. (orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v. 1*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 147-175
- SCHANE, S. A. *Fonologia Gerativa*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro: 1975.